



METROPOLE

SSA-BA

Os efeitos da Guerra

WWW.METRO1.COM.BR

03 MAR 2022



Repudiada por questões humanitárias, guerra na Ucrânia possui também impactos econômicos. Na Bahia, cenário é desanimador com aumento do combustível, crise de grãos e elevação da taxa de desemprego.

Págs. 4 e 5



Feliz Ano Novo!

James Martins

Quero aproveitar que o carnaval-sem-carnaval deste ano caiu bem no dia 1º de março para ter esperanças de, finalmente, me livrar de 2020. Pois é. Não sei como tem sido para vocês, mas eu me sinto preso a 2020 desde que os decretos anti-Covid foram anunciados em março daquele ano. Volta e meia me pego contando errado o tempo, trocando datas, pulando 2021, retrocedendo, etc. E como o ano baiano sempre começou depois de carnaval, e como o ano romano na antiguidade também começava em março, estou tomando a confluência positivamente como um bom presságio, anúncio de um novo tempo, apesar dos perigos. Vade-retro, 2020! Vade-retro, pandemia!

Sim, o tempo (o que quer ele seja) sempre espantou a humanidade (o que quer que isto seja). E, por mais estranho que hoje nos pareça, o fato é que o calendário nem sempre teve 12 meses. E, com algum exagero, podemos dizer que janeiro e fevereiro são criações recentes. Em resumo, havia calendários solares (bretão), lunares (egípcio) e lunissolares (chinês), mas o calendário moderno adotado na maior parte do mundo evoluiu durante a República Romana. E este tinha 304 dias divididos em 10 meses.

No século 7 a.C., o rei Numa Pompílio instituiu um novo sistema, com acréscimo de 50 dias e o empréstimo de um dia de cada um dos 10 meses existentes para criar dois novos meses: Ianuarius (em homenagem ao deus Jano) e Februarius (em homenagem ao Februa, festival romano de purificação).

Note que os nomes dos últimos meses do ano ainda hoje se referem às suas posições na contagem anterior: setembro, outubro, novembro e dezembro: isto é, sete, oito, nove e dez. Porém, mesmo depois de criados janeiro e fevereiro, o ano ainda começava em março. Só em 45 a.C., por decreto de Júlio César, o réveillon passou a ser comemorado em 1º de janeiro, para coincidir com a posse de seus cônsules. Enfim, a cristandade firmou esta data e de certa forma anulou os critérios ligados à colheita e aos ciclos lunares na contagem oficial do tempo. Aqui na Bahia, porém, graças ao poder do carnaval, o ano geralmente começa em março mesmo, que é quando a festa acaba e o batente se impõe. Ou seja, quando Carlinhos Brown diz que “o Egito é a Bahia”, ele está evocando profundezas milenares que talvez nem soubesse. Embora ele saiba de tudo.

Traço de nosso paganismo essencial, o início marciano do ano me caiu como uma luva nesta terça-feira-gorda. Que seja o verdadeiro início, enfim, de um novo ano capaz de deixar 2020 e a pandemia para trás. O mundo que se acabou logo após o último carnaval, que ressuscite depois deste, em plena quarta-feira de cinzas, pois o tema da quaresma é a ressurreição. Tudo interligado. Que a vacina faça sua parte e que, já no São João, a gente possa dançar de rosto colado e recomeçar a passagem das horas. Feliz ano novo!



Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-chefe **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **André Uzêda, Chayenne Guerreiro, Geovana Oliveira e Luciana Freire**
Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226Pernambúes CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



VEM PRA ESCOLA

>>> VOLTA ÀS AULAS NA REDE MUNICIPAL <<<



26,4 k



7,3 k



135



As aulas nas escolas municipais já voltaram, seguindo todos os protocolos. É hora do futuro das nossas crianças seguir em frente.



SALVADOR
PREFEITURA



SALVADOR
PREFEITURA

Texto **Luciana Freire**
luciana.santana@metro1.com.br

Marcas da guerra

Ataques de mísseis na Ucrânia reorganizam cenário econômico em todo mundo; na Bahia, conflito impacta exportação de grãos e geração de empregos

Mísseis russos lançados contra Kiev, capital da Ucrânia, começaram a explodir por volta das 5h da manhã da última quinta-feira, ainda meia-noite de quarta no Brasil.

O conflito se transformou em uma guerra. Segundo a Organização das Nações Unidas, mais de meio milhão de pessoas deixaram o país — os números mais atuais contabilizam 136 civis mortos e 304 feridos (sendo 13 crianças). Embora as explosões aconteçam a mais de 10 mil quilômetros de Brasília, posições tomadas pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) — como a visita a Moscou uma semana antes dos ataques e declarações de dúvidas diante da guerra — colocam o país na rota indireta do conflito.

Para Felipe Silva Ramos, pesquisador em política, democracia e autoritarismo na New School for Social Research de Nova York, a diplomacia brasileira vive um conflito interno entre o Itamaraty e a presidência, isto desde a saída do chanceler Ernesto Araújo.

“O atual ministro, Carlos França, é de



reprodução





carreira tradicional. E o Brasil tem tradição de neutralidade na maioria dos conflitos. Mas, quando é um conflito nessa proporção, a tendência do Brasil é de adesão às democracias ocidentais. Então Bolsonaro só fala 10% da verdade quando diz que nosso histórico é de neutralidade”, explica o professor.

“Mesmo a Noruega e a Suíça que, de fato, têm histórico de neutralidade, e possuem muito dinheiro russo em seus países, se uniram contra a invasão. O Brasil se torna muito isolado. E quanto à tradição, tem histórico de recriminar que uma potência estrangeira invada um país mais fraco, ainda mais quando não foi atacada primeiro, que é o caso da Ucrânia e Rússia”, completa.

A relação diplomática influencia diretamente nos rumos econômicos. O Brasil já teme impactos provocados pela inflação, sobretudo nos preços dos combustíveis, e nas commodities relacionadas ao agronegócio. Os principais produtos que o Brasil importa da Rússia são ligados à agricultura, especialmente fertilizantes.

“A gente tinha uma economia em cur-

so que, sem a guerra, já tinha tendência de processo inflacionário aquecido em 2022. Todas as grandes instituições do mercado brasileiro e o próprio boletim Focos já reconheciam, em fevereiro, condição adversa para o país pelas questões internas: elevações constantes de preços, taxa negativa do PIB e alta do desemprego. Com a guerra, aumenta o pessimismo nas relações internacionais. Um conflito desequilibra totalmente a relação de oferta e demanda de produtos. A guerra desalinha a macroeconomia mundial”, explica Gustavo Pessoti, presidente do Conselho Regional de Economia da Bahia.

Ainda segundo Pessoti, o Brasil terá dificuldades advindas das compras de indústrias —que já estavam com problemas na cadeia de fornecimento, principalmente na linha de adubos defensivos, material elétrico e comunicação.

“A tendência é piorar demais a instabilidade, aumentar preços do agronegócio, sobretudo de produtos derivados do trigo, mas também da nossa soja, já que neste momento são muitas dúvidas e questionamentos. O que não há dúvida é de que

teremos escalada no preço do petróleo, uma vez que a Rússia interfere decisivamente nesse mercado, além do realinhamento das indústrias produtoras de eletroeletrônicos, que vão estar voltados para a indústria mundial da guerra e não para as cadeias nacionais”, detalhou.

IMPACTOS NA BAHIA

Os efeitos nacionais também reverberam na Bahia, aumentando preço de produtos e emperrando o crescimento econômico do estado.

“No campo da vida dos baianos, piora. Porque a Bahia é um estado que sofre com problemas de desemprego, e uma instabilidade dessas eleva a taxa do Brasil e conseqüentemente a da Bahia. Então, o baiano comum vai sofrer as conseqüências de uma economia mais instável e que deve ter uma taxa de crescimento menor também. Ainda não há projeções de taxa de crescimento para Bahia em 2022, mas certamente ela terá um ímpeto menor do que teria se não tivesse a guerra”, analisa Gustavo Pessoti.

Bolsonaro tem simpatia por Putin, dizem especialistas

Embora o Brasil tenha defendido o fim da guerra em Assembleia Geral da ONU, o presidente Jair Bolsonaro não esconde a simpatia que nutre por governos autocratas, dizem especialistas.

“É preciso entender o que significa a neutralidade inicial dele, no começo da guerra. Tem como se manter neutro e criticar veementemente a invasão”, diz o professor Murilo Jacques Barbosa, de Relações Internacionais.

Quando Bolsonaro foi questionado na coletiva de domingo sobre o cerco que o exército russo faz na capital ucraniana, Kiev, ele disse que é um “exagero falar em massacre”.

Barbosa explica que Bolsonaro procura boas relações com líderes autocratas, nos quais tem afinidade ideológica em quesitos como, por exemplo, desrespeito às instituições.

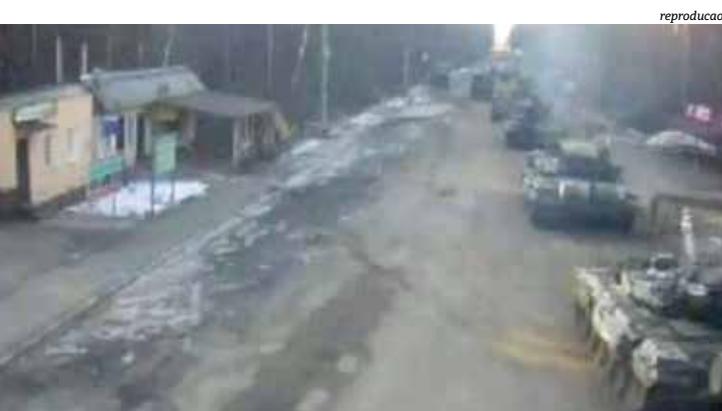
O pesquisador Felipe Silva Ramos acredita que a posição do presidente brasileiro também tem a ver com as

eleições de 2022 e o projeto de Bolsonaro de reeleição.

“Sabemos que a Rússia é um celeiro de hackers e usam dessa estratégia para fins políticos. Dito isso, não sabemos de tudo que Bolsonaro negociou com Putin em sua recente visita”, argumenta.

ATAQUE HACKER

No mesmo dia em que o presidente Bolsonaro desembarcou na capital russa, o próximo presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Edson Fachin, disse em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo, que “a Justiça Eleitoral já pode estar sob ataque de hackers”. Fachin citou a Rússia como exemplo de país de origem desses ataques. O governo de Putin é acusado pelos EUA e pela União Europeia de fomentar a ação de hackers russos para sabotar processos eleitorais democráticos pelo mundo.



O legado do 13 em 16 anos

Próximo de confirmar desistência na disputa do governo, PT acumula histórico de grandes obras no comando da Bahia; segurança e educação, no entanto, estão entre os maiores problemas

Texto Chayenne Guerreiro

chayenne.guerreiro@radiometropole.com.br

Movidos pelo ímpeto de mudança, em 2006, os baianos encerraram 16 anos de sucessivos mandatos carlistas e deram uma vitória inédita ao Partido dos Trabalhadores. De forma surpreendente, ainda no primeiro turno (com 52,89% dos votos), Jaques Wagner se elegeu derrotando o grupo comandado pelo então senador Antônio Carlos Magalhães (1927-2007).

Coincidentemente, exatos 16 anos depois, desta vez é o PT que parece encerrar seu ciclo à frente da quarta maior federação do país. Ao que tudo indica, a legenda vai abrir mão de indicar um nome e apoiar o senador Otto Alencar (PSD) na disputa ao Palácio de Ondina, em 2022.

A costura tem sido feita pelo ex-presidente Lula, na tentativa seduzir Gilberto Kassab, presidente do PSD, para sua chapa nacional.

A proximidade do fim da 'era petista' na Bahia possibilita uma análise mais profunda dos quatro mandatos consecutivos emplacados pela legenda ao longo destes anos — Wagner duas vezes (2007-2010 e 2011-2014) e Rui Costa outras duas (2015-2018 e 2019-2022).

No poder com Wagner, o PT se aproximou de partidos como PT, PV, PPS, PCdoB, PTB, PMN e PMDB, além de abrir um diálogo mais democrático com a oposição.

“O governo Wagner gerou um amplo arco de alianças que deu condições de ocupação da máquina estatal em substituição às forças carlistas, que, em parte, migraram de lado para continuarem governistas. As maiores conquistas estão no âmbito do ambiente de pluralismo político e na capacidade governativa de pensar uma agenda de desenvolvimento para a Bahia”, o pontua cientista político Cláudio André.

“Wagner entendeu o poder persuasivo desse arranjo, acoplou a Bahia a essa gramática e mandou ver. Compreendeu também que, no caso da Bahia, cabia continuar batendo também na tecla da mudança forte, confrontando os métodos autocráticos do carlismo antigo, mas assimilando a flexibilidade do carlismo dos anos 90, ferramenta importante para cooptar seu espólio”, diz o professor da Ufba Paulo Fábio Dantas, doutor em ciência política.

Na área de execução de grandes obras, os feitos são inúmeros. Em Salvador, teve a inauguração da Via Expressa, da Arena Fonte Nova, Linha Azul e Linha Vermelha e o projeto do VLT do Subúrbio e a ponte Salvador-Itaparica — ambas ainda na fase de execução. Após 14 anos parado, o Metrô da capital baiana saiu do papel. O sistema de transporta, inaugurado em 2014, conduz 220 mil pessoas por dia.

No interior, um novo aeroporto foi construído em Vitória da Conquista e no-

vas pontes foram construídas em Ilhéus, além de Barra e em Xique-Xique. Foram entregues ainda 15 mil quilômetros de estradas recuperadas.

“O forte do PT são as grandes obras. A Via Expressa, a construção de estradas, a modernização de aeroportos no interior. São pontos positivos na agenda que o PT trouxe”, pontua o historiador e professor do Departamento de História da UFBA, Carlos Zacarias.

Ao longo dos anos, o governo também descentralizou a saúde, com a ampliação da oferta de serviços de média e alta complexidade no interior. Serão 840 unidades Básicas de Saúdes (UBSs), 16 hospitais, 79 Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) e 26 policlínicas até o final de 2022.

GREVES E MANIFESTAÇÕES

Se por uma lado, o PT garantiu com a evolução de grandes obras o crescimento econômico do estado, viu ruir a relação justamente com um segmento fundamental da legenda: os trabalhadores.

“O grande problema do PT foi sua relação com os trabalhadores de um modo geral. Jaques Wagner enfrentou, em 2007, uma grande greve de servidores públicos, de professores das universidades federais e de professores da educação básica. E ainda mais dura que a greve de 2007, foi a de 2012: dos policiais e dos professores. O





globe

tratamento com os trabalhadores não foi aquele prometido”, frisou Zacarias.

Ainda assim, Wagner encerrou seu governo com ampla aprovação. De acordo com pesquisa Ibope divulgada em 2014, no último ano do seu governo, o petista tinha uma avaliação que ia de ótima a regular por 71% dos baianos.

Seu candidato ao governo da Bahia, Rui Costa, ex-secretário da Casa Civil, venceu as eleições em primeiro turno com 54% dos votos válidos, contra 37% de Paulo Souto (DEM), garantindo a continuidade do PT no governo baiano.

“A eleição de Rui no primeiro turno foi uma grande surpresa. De um lado tem a boa avaliação que Wagner colheu, a parte desse desgaste com os servidores públicos. A aliança do PSD de Otto Alencar e a aliança com o PP de João Leão fizeram com que muitas lideranças estivessem nas franjas do petismo e foi isso que assegurou a vitória”, explica Zacarias.

No governo Rui, o processo de entrega das grandes obras de estrutura avançou, o que lhe garantiu o apelido de “correria”. Diferente de Wagner, que surfou em um período de força do PT nacional, Rui construiu seu nome em um período de baixa da legenda — com os desgastes da gestão de Dilma Rousseff (2010-2016) e o início da Operação Lava Jato.

“A petetização da Bahia contemporânea implicou, durante o segundo governo

Lula, no deslocamento do centro decisório da política estadual para o plano nacional. Foi o auge de Wagner. A crise do PT retornou o eixo decisório para o plano estadual e, aí sim, foi a vez de Rui Costa dar as cartas, encarnando o mandachuva que foi o ACM ancestral”, diz Paulo Fábio.

Como aspectos negativos, na gestão Rui Costa a Bahia teve baixo desempenho das escolas estaduais, além de passar a liderar o número de mortes violentas do Brasil. A Bahia tem, ainda, 1,1 milhão de desempregados e outros 887 mil desalentados.

Durante a pandemia da Covid-19, no entanto, em um embate aberto com o presidente Jair Bolsonaro (PSL), o governo adotou medidas duras para frear o crescimento do vírus, como a obrigatoriedade do uso de máscaras e o fechamento do comércio, além do trato republicano com o ex-prefeito de Salvador, ACM Neto (UNIÃO) — maior adversário nas eleições de outubro.

Próximo de deixar o mandato — caso saia candidato ao Senado tem até o dia 31 de março para se desincompatibilizar —, Rui Costa carrega 79% de avaliação positiva em seu governo. Os números são do Instituto Opnus, contratado em janeiro pelo **Grupo Metropole**.

A avaliação completamente negativa do governo (ruim ou péssima) totaliza apenas 18%.

Pontos positivos

Infraestrutura - Inauguração do Metrô de Salvador, após 14 anos parado. Novo aeroporto de Vitória da Conquista e mais de 15 mil quilômetros de estradas recuperadas.



Saúde - São 840 unidades Básicas de Saúde, 16 hospitais, 79 UPAs e 26 policlínicas entregues nos 16 anos de mandato petista no estado

Grandes eventos - Construiu a Arena Fonte Nova, a partir de uma Parceria Público Privada. Estádio colocou Salvador no mapa de grandes eventos como Copa do Mundo, Olimpíadas e grandes shows internacionais

Pontos negativos

Greve - Policiais e professores encamparam grandes greves tentando acordar aumento de salário com o governo. Sindicatos criticam forma do Partido dos Trabalhadores em negociar

Educação - Dados do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) colocam a Bahia entre os últimos estados do país na educação pública



Segurança Pública - A Bahia é o estado brasileiro que registrou a maior quantidade de mortes violentas em 2021, conforme índice do Monitor da Violência. Episódios como a Chacina do Cabula ficaram marcados na gestão petista

POLÍTICA



METROPOLE

Para não perder de vista

Conselheiro Nelson Pelegriño pediu vista do processo que julga recurso do ex-prefeito João Henrique no TCM; embora tenha prometido não utilizar todo o tempo disponível, restam só três semanas para se manifestar sobre o assunto

Texto André Uzêda

andre.uzeda@radiometropole.com.br

Em reportagem publicada no dia 16 de dezembro do ano passado pelo **Jornal da Metropole**, o conselheiro Nelson Pelegriño havia garantido que não pretendia utilizar todo o prazo de vista para dar seu parecer sobre o Recurso Ordinário no caso envolvendo a Fundação ONG Pierre Bourdieu.

Pelo regimento interno, o prazo de duração do pedido de vista é de exatos 90 dias. Este recurso é utilizado quando um dos julgadores não se sente apto a dar seu voto e reivindica mais tempo para analisar a matéria.

Até aqui, Pelegriño tem esticado ao máximo o tempo e nem sequer pautou seu voto no plenário do Tribunal de Contas dos Municípios (TCM).

O pedido inicial aconteceu em 23 de novembro. Em tempo corrido, lá se vão 100 dias. Entre 20 de dezembro e 10 de janeiro, no entanto, houve recesso no tribunal e os prazos foram automaticamente suspensos da contagem.

Descontada a semana de descanso, o período final fica reajustado agora para o dia 25 de março — o que significa que já foram transcorridos 79 dias sem qualquer manifestação do conselheiro.

A demora de Pelegriño é observada nos bastidores como uma forma de adiar e garantir a demora na ação que, em abril de 2021, condenou em primeira instância o ex-prefeito de Salvador João Henrique Barradas Carneiro e o ex-secretário da Educação, hoje deputado federal, João Carlos Bacelar (Podemos). Os dois terão que pagar, do próprio bolso, R\$ 47,7 milhões por flagrantes irregularidades na contratação da ONG Pierre Bourdieu.

O escândalo completa uma década em 2022. Em auditoria exclusiva que o **Jornal da Metropole** teve acesso, usado para embasar a condenação em primeira instância, são mostrados 22 pontos de fraude em processos licitatórios, uso de verbas de um convênio em objeto de outro, desvio na finalidade de contratação de pessoal e 256 notas fiscais (no valor de mais de R\$ 14 milhões) com irregularidades.

O relatório de 28 páginas cita ainda terceirização irregular de mão de obra no montante de R\$ 26,8 mil; ausência de comprovação de despesas no montante de R\$ 12,9 mil e uso indevido de “verba indenizatória” para pagamento de pessoal contratado pela ONG.

Este modelo com prazo estipulado para analisar o recurso é uma novidade no TCM. Foi estabelecido há três anos, justo para impedir que conselheiros sentassem



Foto 1: Nelson Pelegriño disse que não usaria todo o prazo para analisar o pedido de vista sobre o processo que julga o ex-prefeito João Henrique

Foto 2: Fachada do Tribunal de Contas dos Municípios (TCM)

Foto 3: Sede da ONG Fundação Pierre Bourdieu

em processos, impedindo seu andamento natural. A rigor este é o primeiro processo no tribunal em que a nova norma será testada. Há o temor que, por ser um marco inaugural, o prazo de 90 dias seja ignorado, caso nenhum conselheiro cobre um posicionamento.

Pela mudança no regimento, não há possibilidade de prorrogação. Ao fim dos três meses, é preciso ter uma resposta. Caso Pelegriño não tenha dado uma, cabe à Controladoria-Geral do TCM cobrar que o processo seja posto em pauta.

1



2

Conselheiro promete resposta nos próximos dias

Procurado pela reportagem, o conselheiro Nelson Pelegrino atribuiu a demora em dar seu parecer a uma série de eventos acumulados. “Teve a Lei Rosemberg, que impactou diretamente no entendimento do Tribunal de Contas dos Municípios (TCM) e isso precisou ser discutido internamente, atrasando nosso parecer. Houve ainda os recessos do tribunal que também impactaram neste resultado. O importante é dizer que, nos próximos dias, esse parecer vai ser dado e vamos dar andamento a esse processo da Fundação Pierre Bourdieu”, disse.

Ainda de acordo com Pelegrino, o processo é extenso e precisou ser lido com atenção para evitar qualquer tipo de erro.

“O pedido de vistas é fundamental para ter o tempo necessário para a leitura e esclarecimento de dúvidas. Não se pode errar nestes detalhes para não cometer qualquer tipo de injustiça, além do mais, é um processo técnico e que cabe todos os esclarecimentos necessários”, pontuou.

Ex-secretário de Desenvolvimento Urbano da Bahia na gestão petista, Pelegrino assumiu o cargo de conselheiro em setembro do ano passado. A nomeação foi aprovada em sessão semipresencial da Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA). Foram 50 votos a favor e dois contra.

POLÍTICA



METROPOLE



manuela cavadas/metropress

3



Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011



CURSOS DE REFERÊNCIA
para você!

INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438



Religando a CPI da Coelba

Diante de impasse para instalar comissão, deputado Tum recorre a audiência pública para pressionar parlamentares e esmiuçar falhas do Grupo Neoenergia

Texto Geovana Oliveira

geovana.oliveira@radiometropole.com.br

Morosidade. Essa é a palavra que vem sendo usada para definir a atuação parlamentar na instalação de uma CPI da Coelba na Assembleia Legislativa da Bahia. Enquanto a companhia elétrica lidera o número de queixas no Procon e registra cerca de oito quedas no fornecimento de luz por dia, os deputados lutam há cerca de quatro meses para decidir quem ficará à frente da investigação.

Diante do impasse, o deputado Tum (PSC), responsável pelo requerimento para instalar a comissão, anunciou uma “campanha paralela”: o próximo passo será a convocação de uma audiência pública na AL-BA. Ainda sem data confirmada (inicialmente estava prevista para o dia 8 de março), a intenção é que no evento estejam a União dos Municípios da Bahia (UPB), o Ministério Público Estadual, a Secretaria de Infraestrutura (Seinfra), senadores, deputados, além da própria Coelba, para pressionar o trâmite da apuração.

O motivo, segundo a assessoria do deputado, é fugir do imbróglio entre líderes do governo e da oposição para definir a

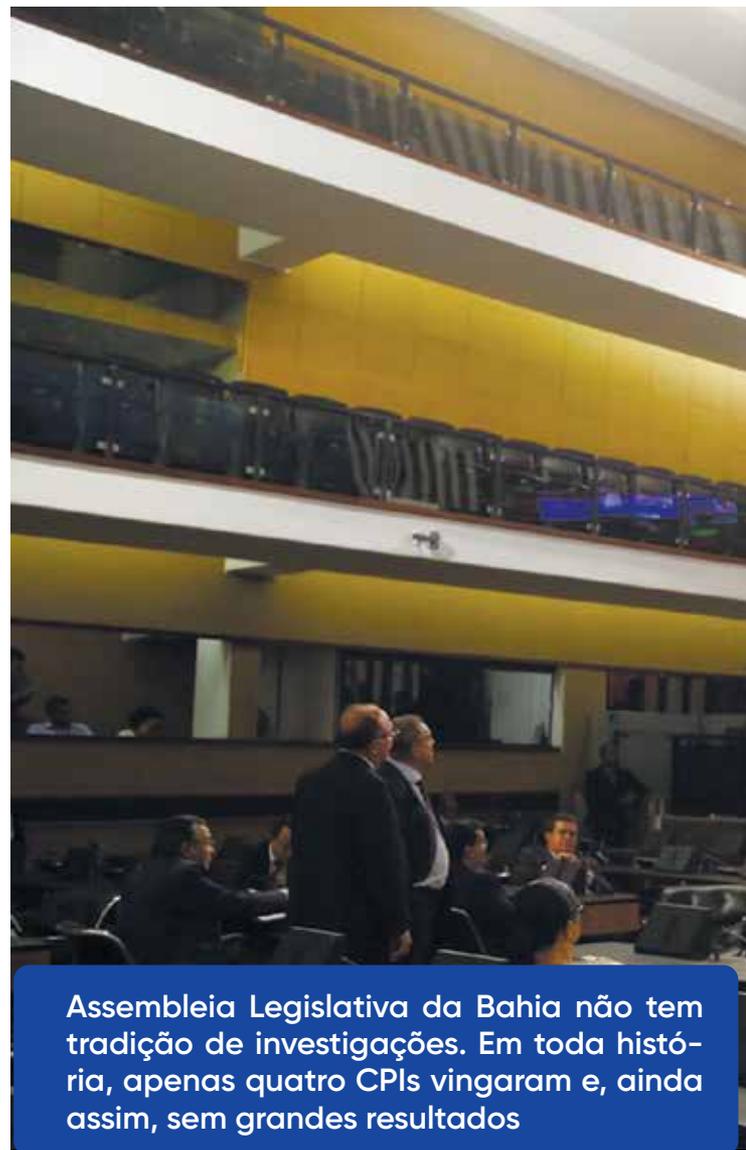
composição do colegiado. A informação, envolta em ameaças, é de que alguns colegas parlamentares têm interesses particulares junto à Coelba, o que trava ainda mais a instauração da CPI.

Antes mesmo de a investigação ser aprovada na Procuradoria-Geral do Legislativo, Tum afirmou que a cúpula da Coelba chegou a assediá-los parlamentares para uma reunião a “portas fechadas”, na própria Assembleia Legislativa. Após repercussão na imprensa, o encontro teria sido cancelado.

Apesar de a companhia elétrica negar as acusações desde o início, o gabinete de Tum diz que “tem deputado fazendo jogo de interesse” com a empresa e que, se precisar, “o que tem acontecido” será divulgado para a imprensa e sociedade. O deputado e a assessoria não quiseram dar mais detalhes à reportagem sobre este ponto em específico.

A falta de eficiência investigativa não é tão estranha ao costume da AL-BA. Um levantamento feito pelo **Jornal da Metrópole** mostra que, em toda história moderna da Casa, apenas quatro comissões tiveram algum tipo de andamento. A luta da CPI da Coelba ainda é contra o engavetamento.

Ao JM, o presidente da Casa, Adolfo Me-



Assembleia Legislativa da Bahia não tem tradição de investigações. Em toda história, apenas quatro CPIs vingaram e, ainda assim, sem grandes resultados

nezes, diz que essa é uma cultura de todo o país, e não só da Assembleia Legislativa.

“Estamos falando da Assembleia, que é importante, mas imagina o Senado... Você vê quantos meses a CPI da Covid ficou lá, sendo televisionada todo dia, e até hoje não deu em nada. Infelizmente é o Brasil”, afirma.

Em relação ao caso específico da CPI da Coelba, o deputado diz que “fez sua parte”, e responsabiliza os líderes por “não conseguirem se decidir”.

“A mim, como presidente, quando recebi as assinaturas mínimas necessárias, conforme regimento, chegou na presidência e mandei para o departamento jurídico analisar se tem motivo ou não. O jurídico disse que sim, então autorizei. Agora cabe aos líderes [nomearem o colegiado], que não estão conseguindo chegar a um acordo, então eu não tenho o que fazer”.

ENTRAVES

O requerimento para a CPI, que obteve 39 assinaturas (18 mais do que mínimo necessário), teve parecer favorável da Procuradoria-Geral da AL-BA no dia 18 de novembro e, em tese, a investigação seria instalada na semana seguinte. Mas uma série



sandra travassos/folha

Empresa lidera reclamações no Procon

Pouco depois do recolhimento de assinaturas para a CPI da Coelba, uma informação deu força ao pedido. Cobranças indevidas e serviços não fornecidos foram os pontos que colocaram a companhia de eletricidade como a empresa que mais motivou clientes a prestar queixa no Procon, em 2021.

Ao todo, foram 1.060 registros que reivindicaram a cobrança injusta e outros 102 que denunciaram que a Coelba deixou de fornecer o principal: energia elétrica.

Exemplos não faltam. Ainda em novembro, moradores da Barra, em Salvador, relataram ao **Jornal da Metrópole** que alguns pontos do bairro ficaram sem luz da madrugada do dia 14 até o período da manhã. No dia 30, o Ministério Público da Bahia ajuizou uma ação civil pública contra a Neoenergia Coelba e a Secretaria Municipal de Ordem Pública (Semop) para que eles solucionassem as demandas.

Já em fevereiro deste ano, moradores de Lençóis, na Chapada Diamantina, ficaram mais de 15 horas sem luz e sem sinal. A Coelba informou que “uma falha em componente da rede elétrica” provocou queda de energia em outros dois municípios da região: Andaraí e Iraquara. Na mesma época, houve uma explosão na Subestação da empresa no bairro da Federação, que causou queda de energia no próprio bairro e também no Garcia, Horto Florestal, Rio Vermelho e Brotas. A TV Band Bahia também ficou fora do ar.

OUTRO LADO

Procurado, o grupo Neoenergia afirmou que não recebeu notificação sobre a realização de audiência pública até o momento, mas disse estar à disposição para participar de “debates construtivos”.

No que se refere a conversas com parlamentares, a concessionária afirma que o diálogo “faz parte das atividades cotidianas da empresa e são inerentes ao serviço público que presta”.

POLÍTICA



METROPOLE

de confusões impediu seu andamento.

De acordo com o regimento interno, o colegiado será composto por oito membros titulares e quatro suplentes, mas há um impasse em torno da disputa pela presidência, vice-presidência e relatoria da comissão. A oposição deseja ter pelo menos um nome na presidência ou na relatoria, mas a bancada do governo reivindica os cargos.

O bloco governista, em dezembro, tentou emplacar a presidência e relatoria do colegiado, inclusive já anunciando como presidente o deputado Vitor Bonfim. A bancada de oposição respondeu com a decisão de retirar as assinaturas de apoio à abertura da CPI, afirmando que os líderes do governo pretendiam “atropelá-la” e fazer uma “investigação chapa branca”.

Assim o assunto ficou para depois do recesso parlamentar. O acordado entre a presidência da casa e os líderes — Sandro Régis (UNIÃO), da oposição, e Rosemberg Pinto (PT), do governo — é que em março entrariam em consenso e dariam início às investigações. Mas isso não parece perto de acontecer.

“Eu não entendo como uma Casa como a Assembleia Legislativa se negue a fazer o óbvio, que é apurar o que a Coelba está fazendo”, diz Tum.

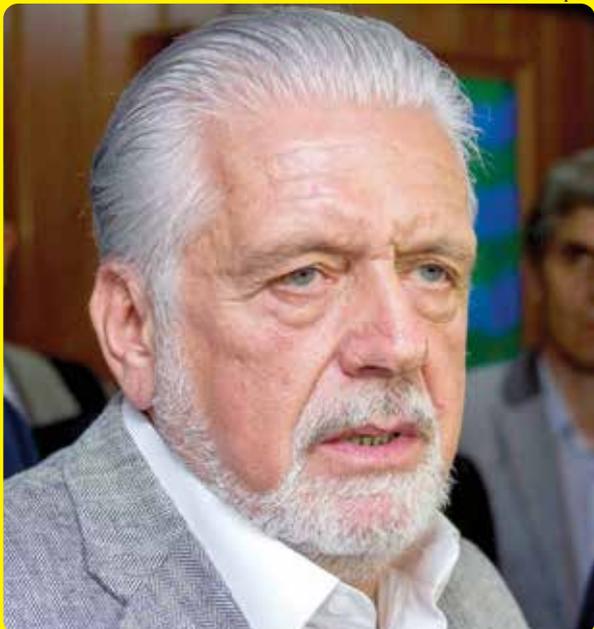
AUDIÊNCIA PÚBLICA

SERÃO CONVIDADOS União dos Municípios da Bahia (UPB), o Ministério Público Estadual, a Secretaria de Infraestrutura (Seinfra), senadores, deputados e a própria Coelba

O MOTIVO segundo o deputado Tum (PSC) é não deixar esmorecer a CPI da Coelba e, de alguma forma, pressionar o trâmite da apuração na Assembleia Legislativa da Bahia

PEDIDO precisa ser oficializado por meio da Comissão do Direito do Consumidor, do qual Tum não faz parte. O deputado diz que já articulou com um colega que levará esse tema para a convocação da audiência. Como ainda estão no trâmite, não há data certa para acontecer evento

tacio moreira/metropress



Wagner confirma saída

O senador Jaques Wagner (PT) confirmou que não disputará o governo da Bahia em 2022. Nome mais forte da sigla, o petista disse que a retirada da sua candidatura não implica obrigatoriamente na desistência do partido em concorrer ao Palácio de Ondina. A avaliação é que, na verdade, é impossível para o PT ocupar dois postos na chapa e a primeira opção seria a vaga ao Senado (*leia mais na nota ao lado*). Para garantir governabilidade a Lula, caso seja eleito presidente, o PT precisa construir uma bancada forte na Câmara e no Senado Federal.

Rui de olho no Senado

Com a desistência de Wagner na cabeça de chapa, o governador Rui Costa (PT) está praticamente confirmado como candidato ao Senado pela chapa governista. Rui terá a missão de representar o PT e fortalecer o grupo. A expectativa é que o governador seja mais um puxador de votos para o novo candidato ao Executivo, o senador Otto Alencar (PSD). Para o petista, a candidatura não será um sacrifício. Rui pensa em aproveitar o capital eleitoral enquanto sai do governo com uma avaliação positiva de quase 80% de aprovação.

Neto: sombra e água fresca

Se de um lado a confusão no grupo governista trouxe sofrimento, no outro lado, trouxe comemoração e descanso. O pré-candidato ao governo da Bahia, ACM Neto (UNIÃO) aproveitou o imbróglio, para relaxar e diminuir a intensidade de sua agenda pelo interior do estado. A última viagem de Neto foi no dia 20 de fevereiro e só deve retornar aos compromissos pré-eleitorais nesta sexta-feira. Neto tem viajado pelo estado desde o ano passado, com a caravana 'A Bahia pode mais'.

tacio moreira/metropress



A matemática com Otto

Fontes internas do PT tem dito que a matemática do nome de Otto é simples: baixa rejeição, apoio incondicional de 110 prefeitos (o que garante a ele, em tese, 20% dos votos só de largada) e a presença de Rui na chapa (com seus 80% de aprovação). Para o PT, Rui tem capacidade de transferir 20% dos votos para Otto. O partido ainda aposta em outro trunfo: a popularidade de Lula para garantir a manutenção do grupo político no poder.

tacio moreira/metropress



reprodução



Serviço de milhões em Porto Seguro

A prefeitura de Porto Seguro, no sul do estado, utilizou em outubro do ano passado uma empresa intermediária na contratação do sistema 1Doc — plataforma utilizada para instalar um sistema e treinar servidores municipais. O contrato, firmado na gestão do atual prefeito Jânio Natal (PL), foi feito com a empresa paraibana Sogo Tecnologia e custou aos cofres públicos R\$ 1 milhão. A coluna mostrou que, em Amargosa, no centro-norte da Bahia, a prefeitura fez um contrato direto com a 1Doc e gastou muito menos. Na relação entre eles continha muito mais especificações e o valor final foi de R\$ 55 mil anuais. A gestão justificou a contratação alegando que a Sogo era representante da 1Doc e a diferença de valor de Porto Seguro para Amargosa aconteceu porque “os contratos diferem e os valores são pelo número de acessos (usuários), então cada cidade tem suas peculiaridades”.



Os russos, os avôs do passado e os do TikTok

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Em uma dessas listas de família no WhatsApp, tem circulado recentemente um card meio memístico em que aparece, primeiro, a imagem de um homem de meia-idade, numa fotografia que remete à iconografia da Segunda Guerra Mundial. Um rosto austero, sisudo, uniforme militar, medalhas, insígnias, bigode à la Floriano Peixoto. A legenda: o seu avô. Ao lado, um garoto, com ares de puberdade, traços andróginos, filtros de maquiagem, lábios, bochechas e cílios artificialmente coloridos e manipulados, asas de borboleta púrpuras misturadas a fios de bigode de gato de desenho animado, postos entre nariz e boca. A legenda: o avô dos seus bisnetos.

O subtexto do card-meme não deixa dúvidas do enquadramento. É uma crítica conservadora que, na essência, quer dizer: homens de verdade, fortes, sensatos, sérios, eram nossos avós, bisavós. Homens com espírito estoico, militaristas, com pendores de bravura, que iam à guerra para lutar pela humanidade. As novas gerações, as crianças de agora, não passam de títeres andróginos estrelando vídeos mimetizando libélulas tão coloridas quanto frágeis, uma geração de invertebrados emocionais. Um elogio aos avôs de fibra, um lamento à geração bola de neve e seus derretimentos emocionais diante de qualquer gatilho inadvertido, suas reivindicações de safe spaces, na rua, na escola, na tela da TV, no trabalho, em casa.

Coisa rara é ver uma geração do passado elogiando, citando virtudes e, me-

nos ainda, louvando a evolução cognitiva dos mais novinhos. Mas, diante da emergência de um conflito bélico internacional com grandes probabilidades de tornar-se uma guerra de implicações mundiais, como não se via desde o fim da segunda grande guerra, nos meados da década de 40, perguntar não ofende: o que o século XXI legou, daquela suposta sensatez dos avôs sisudos dos cards, aos seus descendentes europeus, que pouco mais de meio século depois, empurram o mundo para bombardeios, expulsão de milhões Europa adentro e mortes de civis nas cidades da Ucrânia?

E quase tudo isso - já que falamos, em 2022, de guerras híbridas, com dezenas de interesses sobrepostos - em nome de uma melancolia insana de retroceder aos anos 80 e retomar pedaços de terra para refazer uma ideia de União Soviética, desfeita nos estertores da Guerra Fria, e cujo simbolismo de extinção, para o mundo, foi a queda do Muro de Berlim, em 1989, e as ex-repúblicas soviéticas tornadas nações jovens, da década de 90 para cá.

A GUERRA NO LEBLON

A Europa, sempre escondida sob o epíteto de velho continente, sempre referenciada como o berço das civilizações, até como antagonista, para os anti-eurocentristas e decolonialistas, como vai explicar a impotência, o engessamento, o apequenamento diante da dependência dos americanos, do encurralamento

diante presidente Russo e da mania dos Estados Unidos de considerar-se o vencedor da guerra fria? E o resto do mundo comportando-se como barata tonta, sem ter ideia mínima de quem colocar no lugar de mocinho, bandido, herói, verdugo, déspota, bom ou mau. Na dúvida, o céu do ridículo é o limite e, no Brasil, veja-se, não basta o presidente da República anunciar neutralidade. É preciso ir mais fundo no ridículo.

O povo do MBL, aqueles garotos que diziam que iam mudar o mundo, enganaram-se a si mesmos e elegeram Bolsonaro, agora vai parar na delegacia, numa briga de gangue com fósseis da extrema-esquerda brasileira, o tal do PCO. Como galos de briga, medem o tamanho do falo na porta da embaixada russa, localizada no descolado e longínquo bairro do Leblon, no Rio de Janeiro, aquele dos cenários das Helenas do novelista global Manoel Carlos. O MBL é Ucrânia team. O PCO, dizendo-se contra o imperialismo americano, é Putin team.

Se é para taguear o ridículo, é injustiça com os filtros das dancinhas do TikTok ou do Reels, com os púberes de bigodinho de gato e borboleta. Coitado do avô sisudo do card. Conseguiu ensinar zero a seus descendentes. Seja na Rússia, na Europa que arrota civilização com seus museus e suas bibliotecas ou nas calçadas do Leblon. O filtro do bigodinho de gato pode ser ridículo. Mas seus adeptos têm pânico de guerra e acham patética a paisagem da Europa em 2022, aquele míssil de gatilhos.





divulgação

Putin não quer que a Ucrânia vire um país ocidental, com instituições democráticas, que possam se espalhar para a Rússia

ENTREVISTA

André Lajst

PROFESSOR E DOUTORANDO EM CIÊNCIAS POLÍTICAS

Professor e doutorando em Ciências Políticas, André Lajst foi entrevistado nesta semana por Mário Kertész na **Rádio Metropole** para explicar o conflito entre Ucrânia e Rússia. Para Lajst, para entender este conflito é preciso retroceder ao fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e começo da Guerra Fria.

“Quando acabou a Segunda Guerra Mundial, o mundo foi dividido em dois blocos principais: o bloco dos Estados Unidos, o Ocidente e a OTAN e o bloco da União Soviética, dos países comunistas ou do Tratado de Varsóvia, que é a mesma coisa que a OTAN, só que ‘do outro lado’. Com o declínio e o fim da União Soviética, em 1991, foi feito o acordo com os russos e todos os países que deixaram de ser soviéticos de que a OTAN não iria expandir a leste e ao mesmo tempo que a soberania desses países seria respeitada. Acontece que esses dois compromettimentos são conflitantes. A OTAN é uma aliança de defesa, não de ataque. Ela foi criada para proteger os países membros de um possível ataque de países não membros. Putin enxerga que a OTAN está expandindo a leste e considera isso uma ameaça à soberania da Rússia”, afirma.

ATAQUE CULTURAL

Segundo Lajst, os temores de Putin são não só um ataque militar à Rússia, mas principalmente a ameaça a sua cultura e instituições. “Putin tem outros motivos para a invasão. Ele não quer a influência dos Estados Unidos num país do tamanho da Ucrânia. Ele não quer que a Ucrânia vire um país ocidental, onde vai ter instituições democráticas que possam conquistar culturalmente todos os ucranianos e possam se espalhar para Rússia. E, no fim das contas, colocar a soberania da Rússia em perigo não só militarmente mais culturalmente também”, argumenta.

“Então, a estratégia dele agora é uma guerra total pela Ucrânia. E a Ucrânia está numa guerra total para sua sobrevivência. O Putin já começa a dar sinais de que está perdendo a guerra. Ele pode vencer batalhas mas está perdendo a guerra”, acredita o cientista político.



ENTREVISTA

Emanuel Pessoa

DOUTOR EM ECONOMIA



Doutor em economia, Emanuel Pessoa, afirma em entrevista à **Rádio Metropole** que o conflito entre a Rússia e a Ucrânia vai impactar significativamente a vida dos brasileiros. “Às vezes as pessoas estão pouco informadas e até não querem se informar porque acham que isso é muito distante delas, mas não é. Esse confronto pode significar gasolina R\$10 na bomba daqui a 15 dias. E com isso, aumenta também o preço da passagem de ônibus, da passagem de avião, o preço da comida que a gente come, porque o transporte brasileiro de alimentos é praticamente rodoviário. Então, o que acontece lá na Ucrânia e na Rússia, embora pareçam terras distantes, línguas diferentes, outro alfabeto, pessoas que parecem ser totalmente fora da nossa realidade, na verdade, afeta o nosso dia a dia da maneira mais forte possível”, disse em entrevista a Mário Kertész.

Ainda segundo o pesquisador, o presidente da Rússia, Vladimir Putin é um dos poucos chefes de estado que cumpre suas ameaças e isso faz com que suas falas influenciem, de modo quase que imediato, os mercados. “O que acontece nesse confronto é que, basicamente desde 2014, quando a Rússia anexou a região da Crimeia, Putin foi muito claro que, se a Ucrânia tentasse se aproximar da OTAN, ele iria invadir o país. Agora, em 2022, a Ucrânia deu continuidade às negociações com a organização ocidental e então Putin cumpriu sua ameaça. É isso que faz o mundo ter medo do presidente da Rússia. Ao contrário de outros líderes ocidentais que são frouxos, fracos, e fazem a gente ter saudade do Ronald Reagan, Margaret Thatcher e Kennedy, o Vladimir Putin é o cara que quando faz uma ameaça tem disposição de cumpri-la”, analisa.

NOVAS EXIGÊNCIAS

Na entrevista, Kertész lembra da crise dos mísseis de Cuba, em 1962, período de grande tensão diplomática entre Estados Unidos e União Soviética. O estresse foi causado pela descoberta de uma base de mísseis soviéticos que estava em construção em Cuba. Dessa vez, a situação é parecida, mas no sentido oposto, com a aproximação militar de uma organização do ocidente em situação estrategicamente ameaçadora para a Rússia.

“A Rússia tem um conjunto de exigências que são ‘não negociáveis’. Até antes de começar a guerra o ponto ‘não negociável’ da Rússia era basicamente a Ucrânia não entrar na OTAN. Agora, que a Rússia invadiu a Ucrânia e daqui a pouco conquista Kiev, Putin não vai aceitar nada menos do que: não entrada na OTAN; desmilitarização do país; prender inimigos políticos; liquidar o batalhão de Azov (batalhão neonazista) e, provavelmente, anexação de parte da Ucrânia que historicamente era russa. Essas exigências são muito maiores do que as que havia antes. Mas sim, é possível negociação, ninguém acredita que isso não vai acabar de forma negociável”, pontua.

ENTREVISTAS



METROPOLE



NINGUÉM PARA A MINHA BAHIA

A Bahia muda mais a cada dia e cresce junto com a vida dos baianos. Mesmo com os desafios impostos pela pandemia, os investimentos não pararam em todas as regiões, com entregas de estradas, água, agricultura familiar, saúde, educação e muito mais, transformando a capital e o interior. E esse trabalho vai seguir em frente, porque aqui tem governo que cuida de gente.

